

Corpo, brincar e movimento

Body, play and movement

Alberto Konicheckis*

Tradução: Pedro Henrique Bernardes Rondon (Abepps)

Revisão: Regina Orth de Aragão (CPRJ)

Resumo: O artigo aborda o brincar e o corpo através da intersecção com a função psíquica do movimento. Trata em primeiro lugar do corpo, em sua exterioridade ao próprio sujeito e em sua importância nos processos de subjetivação. Apresenta em seguida o brincar da criança como um paradigma da atividade psíquica, no sentido em que comporta uma atividade inaugural e originária do psiquismo, para depois desenvolver a discussão sobre as potencialidades psíquicas do movimento e as maneiras pelas quais ele participa dos processos de subjetivação e de personificação.

Palavras-chave: Brincar. Movimento. Personalização. Simbolização. Subjetivação.

Abstract: *The article approaches playing and the body through the intersection with the psychic function of movement. It deals primarily with the body, in its exteriority to the subject itself, and in its importance in the processes of subjectivation. It then presents the child's play as a paradigm of psychic activity, in the sense that it comprises an inaugural activity of the psyche, to then develop the discussion about the psychic potentialities of the movement and the ways in which it participates in the processes of subjectivation and personification.*

Keywords: *Playing. Movement. Personalization. Symbolization. Subjectivation.*

* Psicólogo clínico. Psicanalista. Professor no Instituto de Psicologia da Universidade Paris Descartes (Paris V).

“O duende não está na garganta; o duende sobe por dentro a partir da planta dos pés (...) é preciso despertá-lo nas últimas moradas do sangue”

(Federico Garcia Lorca, “Juego y Teoría del duende”)

Corpo e jogo dizem respeito a extensos territórios, que podem ser considerados de múltiplas maneiras. Vou tentar abordá-los em sua interseção através da função psíquica do movimento. Esta abordagem se refere a um duplo questionamento: como compreender o corpo e o brincar para abordar o movimento? Mas também, e em especial, que dimensões do corpo e do brincar se revelam pelo movimento? Considero este último tal como aparece nos primeiros tempos da existência, mas que continua a se manifestar de maneira subjacente ao longo da vida inteira. Minha abordagem do movimento será antes individual e vai deixar de lado a intersubjetividade e o eixo do cultural que, no entanto, incluem referências extremamente importantes para dar conta de suas particularidades. Vou desenvolver meu tema em três tempos: corpo, o brincar e movimento.

1 - CORPO

Em psicanálise o corpo é considerado de muitas maneiras: corpo biológico que apoia e é fonte das pulsões, corpo complacente na conversão histérica, corpo diferenciado do soma na abordagem psicossomática. É também inerente ao esquema e à imagem corporais, ao Eu corporal, às ameaças do sentimento de continuidade que existe nas agonias primitivas, nas patologias do ato, na identidade de gênero, assim como no arcaico e nas primeiras simbolizações. Numa espécie de dicotomia de inspiração cartesiana entre o corpo e a alma, às vezes é considerado como o oposto do psiquismo.

Quando em psicanálise evocamos o corpo, sem indicar especificações, corremos o risco de remeter a significações diferentes demais. Para situar minha referência ao corpo, vou começar lembrando sua importância durante o processo da adolescência. Como M. e E. Laufer (1989) indicam, a adolescência se define pelo encontro do psiquismo com um corpo renovadamente e genitalmente sexuado. Esse corpo se encontra ao mesmo tempo no mais íntimo da pessoa e no exterior do psiquismo. É como um estranho, um duplo de si mesmo, uma sombra que nos acompanha e com a qual temos que coabitar e caminhar juntos.

Podemos ampliar essas considerações a propósito do corpo na adolescência, para os bebês, as mulheres grávidas, as pessoas que envelhecem ou para os

doentes. Em todas essas circunstâncias, o corpo determina o estado da pessoa ao mesmo tempo em que inicialmente está fora do psiquismo. Se, por infelicidade, somos contaminados pelo corona vírus, estaremos preocupados ao máximo e, ao mesmo tempo, de certo modo essa realidade tem lugar no exterior de nós. Em todos esses casos, o corpo aparece como um *fora* que nos determina, um *fora* que tem exigências próprias e do qual não podemos escapar. Nosso corpo é um outro para os outros, mas também é outro para nós mesmos.

O que se coloca na adolescência consiste não apenas em brincar com seu próprio corpo genitalizado, mas também no encontro com o corpo de outra pessoa igualmente genitalizada. No bebê, o corpo é exposto às atenções e aos desejos dos adultos que se ocupam dele. Um grande número de suas experiências sensoriais nasce em torno dos cuidados. O bebê é passivo, é objeto de investimento de seu ambiente e necessariamente pode perceber seu corpo como estranho à sua pessoa. Estar ligado a um corpo impõe, então, a aceitação de uma forma de passividade psíquica, uma vez que essa sombra que nos acompanha e nos solicita tem existência própria. Essa perspectiva põe em questão a expressão “ter um corpo”. Convida-nos antes a “viver com um corpo” e a abordá-lo em seu ser, e não como um ter.

As defesas patológicas procuram negá-lo, denegá-lo, atacar essa particularidade da relação com o corpo. A. Birraux (1994) considera que o principal inimigo do adolescente é seu próprio corpo. Esta autora evoca igualmente todas as dificuldades que aparecem na adolescência pelo questionamento do corpo tal como foi fantasiado e posto à prova ao longo da infância.

A subjetivação, a personalização e suas funções narcisantes

Essa exterioridade e apassivação do corpo em relação ao psiquismo nos conduz a levantar questões do tipo: como integrá-lo? Como apropriar-se dele? Como torná-lo conhecido? Essas questões destacam a importância do processo de subjetivação que designa a instauração de uma subjetividade própria a partir da experiência de um corpo percebido como determinante e exterior. A esse propósito, podemos lembrar também aquilo que Winnicott (1962) chamou de processo de personalização, definido como o estabelecimento de laços entre o psiquismo e o corpo.

Percebemos bem que pela relação com o corpo, a existência psíquica é permanentemente ameaçada pela despersonalização e pela dessubjetivação. A

subjetivação e a personalização comportam, então, funções eminentemente narcísico-identitárias. Ambas procuram resolver uma equação difícil e incerta: como ser o mesmo apropriando-se de um corpo outro? Esses processos buscam estabelecer um sentimento fantasístico de continuidade de existir a despeito de que o psiquismo é habitado por todos os tipos de descontinuidades. Esses processos tentam também evitar formas primárias de clivagem e dissociação do psiquismo assim como do vivido de um sentimento de estranheza em relação a si mesmo.

A subjetivação e a personalização presumem a criação da pessoa própria. Elas nos conduzem a ver o corpo como estando por se construir, por moldar-se, por esculpir-se. B. Lesage (2006), médico, dançarino, terapeuta, considera que a dança comporta a criação de um corpo, mais do que sua utilização. É aí também que se situa a função do brincar do ponto de vista da subjetivação e da personalização: como brincar com esse corpo sombra e luz de nós mesmos? O que seria um corpo que brinca? Como colocar em jogo o corpo? Decorre desse questionamento também o interesse e a importância que é preciso atribuir ao movimento.

A esse propósito, eu gostaria de mencionar ainda uma referência aos trabalhos de Winnicott. É sabido que, para esse autor, o laço psiquismo-soma, próprio ao processo de personalização, tem importância capital. Em sua obra *A natureza humana* (WINNICOTT, 1988), ele considera o corpo como o ambiente pessoal, onde a vida psíquica pode ter lugar. O corpo abriga o psiquismo, é o lugar onde a vida psíquica pode acontecer. É o espaço onde as excitações podem ser postas à prova, aceitas, acolhidas e é onde o psiquismo advém. Desse ponto de vista, o corpo não consiste somente em fonte de pulsão, o que sem dúvida é o caso, mas ele é também receptáculo e morada do psiquismo.

2 - BRINCAR

Tal como o sonho e a sessão de análise, o brincar de uma criança é um paradigma da atividade psíquica. Põe em ação o conjunto do aparelho psíquico ante a realização de um desejo. O brincar comporta uma estrada real para o inconsciente. Mas tal como o sonho, não constitui o inconsciente a céu aberto, o brincar supõe antes uma expressão disfarçada do inconsciente. O roteiro da brincadeira desvela e vela ao mesmo tempo. Recalca, e faz retornar o recalcado. Podemos lembrar que para M. Klein (1926) o brincar de uma criança deve

ser considerado como equivalente ao pensamento do adulto. Todavia, é possível inverter essa proposição: o sonho e o pensamento do adulto podem ser considerados como o brincar da criança, no sentido em que o brincar da criança comporta uma atividade totalmente inaugural e originária do psiquismo.

Assim como Winnicott antecipa a propósito do corpo no processo de personalização, o brincar cria um espaço, um teatro para que os acontecimentos psíquicos possam advir. Mais exatamente, podemos afirmar que esse espaço, esse teatro, favorece a encenação do corpo. Jean, paciente de cerca de trinta anos, frequentemente evoca uma lembrança encobridora para dar conta de suas inibições. Era adolescente e fazia um estágio no teatro. Estava muito contente de participar da preparação da peça. Mas no momento em que devia entrar em cena, fica paralisado. Para ele, essa cena condensa grande quantidade de significações. Para os meus propósitos aqui, vou dizer que ele vivencia grande dificuldade para pôr seu corpo em cena, “jogar” com ele e colocá-lo em movimento. Há uma diferença interessante a destacar entre o sonho e o brincar em relação ao corpo. No sonho, por definição, o corpo está imóvel.

Podemos lembrar que há diferentes abordagens sobre o brincar em psicanálise. Dentre as mais clássicas, há as de M. Klein e as de Winnicott, destacadas por A. Ferro (1997). Para M. Klein (1926), no brincar o corpo contém uma fonte pulsional e sua análise diz respeito ao conteúdo simbólico, em ausência, proveniente do passado e do mundo interno da criança. No brincar, segundo Winnicott (1971), o corpo vem abrigar as pulsões, o corpo se apresenta como continente de uma experiência que se desenrola no presente, a brincadeira, aquilo que ocorre na presença. Para Winnicott (1971) o brincar é tão importante que ele define o objetivo terapêutico da análise como sendo o de levar o paciente a ter a capacidade de brincar. O brincar, então, comporta em si uma terapia.

O brincar presume igualmente uma ambiguidade situada entre o “é verdade” e o “é mentira”. Implica um afastamento, uma diferença, um passo para o lado. Deporta, transporta, desloca. Deixa visíveis aspectos ocultos do psiquismo, mas ao mesmo tempo mostra como não sendo “de verdade”. Esse afastamento, esse passo para o lado, contém a aceitação implícita de um interdito. O que é permitido na brincadeira nem sempre o é na realidade externa.

A brincadeira vem ainda acrescentar uma bonificação de prazer à atividade funcional. A brincadeira repete, de maneira diferente, uma atividade corporal. Nela estão em jogo a repetição e a diferença. Estou pensando em Margot, menininha de três anos, especialmente inquieta. Estava sentada no colo de sua mãe e, em determinado momento da consulta, se deixa cair no chão gemendo.

Diante dela, eu exclamo: “Puxa, você caiu” e, ao mesmo tempo faço uma cara de compaixão pela dor que ela há de estar sentindo. Em seguida, ela me encara, sobe numa poltrona e se deixa cair de novo. Desta vez ela não se queixa, ela ri e é visível que experiencia grande prazer. Nesse momento, esta queda, “de mentirinha” se torna, pela repetição, um jogo “de verdade”.

Como na sequência com Margot, a brincadeira busca uma transformação econômica da experiência que permite diminuir uma quantidade excessiva de sofrimento, a qual se manifesta como uma excitação dificilmente tolerável para o psiquismo. Encontramos essa mesma recompensa de prazer pela baixa da excitação despertada pelo sofrimento no famoso jogo do carretel que a criança encena a fim de tornar aceitável um acontecimento impressionante. Winnicott (1971) destaca que a excitação e a invasão corporal não param de ameaçar a brincadeira. Angústia demais põe em perigo a brincadeira. Num artigo recente, S. Zornig (2021) mostra até que ponto é difícil o brincar para crianças carentes que vivem num ambiente imprevisível e violento. A destrutividade de seu ambiente, percebida em espelho, compromete o acesso dessas crianças à dimensão lúdica, e isso as impede de brincar.

É possível considerar formas psicopatológicas do brincar que se manifestam em particular quando as capacidades de simbolização se encontram entrvadas. Assim, por exemplo, o brincar favorece o afastamento da realidade por essa possibilidade do “deslocar-se” que o brincar comporta. Nesse caso, a criança corre o risco de criar uma espécie de barreira no interior de si mesma, assim como entre ela e os outros. Encontramos também em certas crianças brincadeiras que sustentam defesas maníacas em que tudo é “de mentira” sem que se possam produzir modificações “de verdade”. Há também brincadeiras que podemos qualificar como expulsivas, pelas quais, em vez de favorecer os movimentos introjetivos, a criança procura pôr para fora de si e, portanto, dessubjetivar, partes de sua personalidade.

3 - MOVIMENTO

Esses lembretes das funções psíquicas da relação do psiquismo com o corpo e com o brincar nos levam a interrogar-nos acerca das potencialidades psíquicas do movimento: de que maneira o movimento participa dos processos de subjetivação e de personificação? Como é que contribui para integrar o corpo próprio, percebido como alteridade, para que se torne parte da própria perso-

nalidade? De que maneira o movimento põe o corpo em jogo e em cena? Como é que introduz a ambiguidade, a diferença e a repetição? Sob que formas garante as recompensas de prazer autoerótico necessárias ao investimento libidinal do corpo?

Assim como o sonho e o brincar, o movimento pode ser analisado a partir dos elementos que o constituem. Desde a introdução do *Projeto para uma psicologia científica*, Freud (1895) considera o movimento como a essência da atividade psíquica. As experiências psíquicas do bebê mostram que os movimentos do corpo constituem uma atividade psíquica primária e indispensável. Os movimentos permitem que os neurônios eliminem a quantidade de excitação e voltem a encontrar a inércia e a quietude. Aplacam e transformam as exigências das cargas de excitação. Têm a possibilidade de aumentá-las e diminuí-las e, assim, produzir ganhos de prazer.

O movimento modifica um estado psíquico e cria outros novos. Essas transformações deixam vestígios que dão formas aos quantitativos percebidos do psiquismo. A dança traça e deixa vestígios que J. Kestemberg (1965a, 1965b, 1967, 1976), uma das raras psicanalistas a tentar dar conta da importância do movimento na vida psíquica, propõe diferenciar distinguindo-o do fluxo de tensões, o qual se refere a mudanças de intensidade do tônus, e o fluxo de formas, correspondente às formas que o movimento imprime no corpo.

Esses fluxos de tensões e formas despertam sensações, que lembram aquilo que F. Tustin (1990) designa como sensações-formas. Os movimentos criam percepções que permitem que a criança provoque auto-sensações. Há no movimento uma função reflexiva em que a criança está ao mesmo tempo ativa, se movendo, e passiva, vivenciando aquilo que o movimento desperta nela. As sensações tônicas provocadas pelos movimentos permitem dessa maneira que a criança se sinta viva e sustentada.

V. Guerra (2015) percebeu a importância dessa função, considerando seus possíveis destinos psicopatológicos a partir daquilo que tem sido chamado de falso *self* motor. Este corresponde a uma forma de hiperatividade e agitação constante na criança que lhe traz o sentimento de continuidade na existência. Assim, a criança é sustentada por seu corpo e por sua atividade. Recorre então aos movimentos para lutar contra o temor de se ver sozinha e se sentir abandonada, sem nenhum objeto à sua volta. A criança cria uma espécie de alteridade pessoal que não faz parte verdadeiramente da sua pessoa. Ela desenvolve uma pseudo-independência onde o movimento corporal toma o lugar do objeto externo do qual espera o apoio. V. Guerra considera que, pelo movimento,

a criança se torna mãe de si mesma e, dessa forma denega sua dependência daquela. A agitação lhe traz o mesmo tipo de segurança que um falso *self*.

Mario

Como é que os vestígios, as formas e sensações registrados pelas primeiras experiências são reencontrados em outros momentos da vida? Como identificá-los? Como reconhecer sua marca no contexto atual? Como trabalhá-los? Como é que o próprio paciente os elabora? Essas questões a propósito da persistência das primeiras formas sensoriais através do tempo foram despertadas em especial pelo caso de Mario, paciente adulto de uns trinta anos. Trata-se de um paciente cuja mãe morreu durante seu nascimento. No curso de sua análise nós supusemos que traços da relação com a mulher que o gerara certamente teriam ficado nele. Alguma coisa indelével do laço com ela sem dúvida se tornara parte integrante de sua personalidade. Mas qual é a natureza desses traços? De que maneira ele poderia apropriar-se deles?

As marcas dessas primeiras experiências não dizem de uma realidade de tipo fantástico que seria simbolizável, que poderia ser compartilhada e codificada por antecipação. Para Mario trata-se antes de um vazio do que de uma ausência. Durante muito tempo ele se dedicara a fazer o luto de uma mãe que nunca existira como pessoa propriamente dita para ele. Durante muitos anos ele procurou reconstruir indiretamente o acontecimento de sua vinda ao mundo, por meio da experiência que seu ambiente lhe trazia e que lhe trouxe todos os tipos de testemunhos e marcas afetivas. Seu pai se mostrou particularmente maternante para ele.

Entretanto, a propósito dos membros de sua família, avós, pai, irmã, tios, tias, Mario vivencia profundo sentimento de culpa por estar vivo tendo sua mãe morrido. Ele se sente um impostor por ter tomado um lugar que não era seu. Tem a impressão permanente de não ter direito de existir. Um longo trabalho em seu processo de tratamento permitiu-lhe desprender-se desse sentimento de opressão que o paralisava. Foi-lhe necessário brincar e superar a ambiguidade de ter vivido um acontecimento trágico, na origem de sua existência, pelo qual ele não tinha nenhuma responsabilidade.

No curso de sua análise, ele tenta oferecer a si mesmo uma visão de sua mãe mais próxima da realidade. Dedicar-se a reconstruir a maneira dela de ser e suas

singularidades e consegue se afastar de uma imagem ideal para fazer disso uma análise crítica onde ele aprecia positivamente algumas partes dela, ainda que outras, muito menos. Toma conhecimento de ser ela corajosa e empreendedora, mas também que corria riscos desnecessários. Parece, por exemplo, que ela se gabava de nunca ter deixado de fumar ao longo de sua gravidez. Nesse encaminhamento, Mario se dá conta de que sua escolha profissional, na área da alimentação, estava em continuidade com a escolha de sua mãe, que tinha sido dona de restaurante. Com seu pai, ela tinha adquirido terrenos para cultivar um vinhedo.

A morte de seu pai, ocorrida quando Mario tinha dezoito anos, constitui outro importante acontecimento traumático em sua existência. Nesse momento, Mario decidiu com sua irmã promover o arrendamento dessas terras de modo que pudessem ser exploradas por um vinhateiro. Uma virada em sua análise ocorreu quando ele decidiu recuperar uma parcela dessas terras para cultivar por si mesmo. Com isso, ele pôs seu corpo em jogo. Mario se via retirando os pés de vinha mais antigos para lavar a terra em profundidade e assim poder plantar novos. Ele vigiaria o crescimento e cuidaria da colheita e da vinificação. Tive a impressão de que na evocação desse projeto, Mario se apropriava das sensações sepultadas, dava corpo a vestígios desaparecidos, tornava vivas impressões passadas. Produziam-se nele formas primárias daquilo que G. Haag (2018) designa como identificações intracorporais, nas quais as percepções e as sensações corporais se constituem em representações que trazem à pessoa os esboços do sentimento de *self*. A parcela de terra não era mais um mausoléu que aprisionava seu corpo, seu psiquismo e suas lembranças juntamente com as lembranças próprias à sua mãe e ao seu pai. Ela já não era mais uma sombra melancólica pousada em cima dele, mas se tornava encarnação matricial e geradora provocada pelas sensações do trabalho e do movimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS, AS SIMBOLIZAÇÕES PRIMEIRAS

Na criação dos primeiros símbolos, o corpo e o movimento mantêm relações ambíguas. O corpo, sem dúvida, é indispensável para o movimento. E ao mesmo tempo se apaga detrás da forma a que dá origem. Através do movimento instaura-se então um jogo de esconde-esconde em que o corpo aparece e desaparece. Essa alternância entre criação e desaparecimento, acompanhada por oscilações e modificações do escoamento de excitações, instaura ritmos ao fundamento da pessoa. Tal como no brincar, através dos ritmos impressos pelo

movimento, o corpo pode ser vivido como receptáculo do fluxo das excitações. Acolhendo-os e moldando-os, a criança se apropria de seu corpo. E, desde então, pode habitar nele.

Ao contrário dos suportes como a pintura, a escultura ou a escrita, cujas obras terminadas são imóveis, a dança e o movimento se inscrevem na passagem do tempo, no efêmero. A exemplo da música e do vídeo, as formas que exprimem desaparecem ao mesmo tempo em que são produzidas. Essa ritmicidade entre presença e evanescência cria igualmente as primeiras modalidades da temporalidade tanto quanto do sentimento de ser. Tal ritmicidade está também no fundamento das primeiras modalidades da simbolização pontuadas pelas oscilações entre a presença e a ausência. Essa ritmicidade marca igualmente as primeiras experiências de alternância entre o prazer e o desprazer, e torna possível haver sensações autoeróticas que ligam o psíquico e o corporal.

Portanto, o movimento introduz ritmos e oscilações entre o aparecer e o desaparecer, entre o prazer e o desprazer, constitutivos dos primeiros símbolos. Dessa maneira permite a apropriação progressiva, e por fragmentos, das diferentes partes do corpo. Essa forma de subjetivação se apoia igualmente em experiências autoeróticas e no prazer de sentir o surgimento de um corpo próprio. O movimento, portanto, constitui uma via e um recurso inestimáveis para a criança, para pôr em jogo o corpo. Favorece a formação de um espaço-tempo em que a vida psíquica pode advir.

Alberto Konicheckis
 akonicheckis@aol.com

Referências

BIRRAUX, A. *L'adolescent face à son corps*. Paris: Bayard, 1994.

FERRO, A. *L'enfant et le psychanalyste*. Toulouse: Erès, 1997.

FREUD, S. Esquisse d'une psychologie scientifique. In: FREUD, S. *La naissance de la psychanalyse*. Paris: P.U.F., 1895.

GUERRA, V. Faux self moteur, une version défaillante de la subjectivité dans l'hyperactivité. In: KONICHECKIS, A.; KORFF-SAUSSE, S. (dir.). *Le mouvement entre psychopathologie et créativité*. Paris: In Press, 2015.

HAAG, G. *Le moi corporel*. Paris: P.U.F., 2018.

KESTENBERG, J. S. The Role of Movement Patterns in Development I. Rythms of movement. *Psychoanalytic Quarterly*, 34, 1, p. 1-36, 1965a.

_____. The Role of Movement Patterns in Development II. Flow of tension and effort. *Psychoanalytic Quarterly*, 34, 4, p. 517-565, 1965b.

_____. The Role of Movement Patterns in Development III. The control of shape. *Psychoanalytic Quarterly*, 36, 3, p. 356-409, 1967.

_____. Le développement de l'enfant tel qu'il s'exprime au travers des mouvements corporels. *La psychiatrie de l'enfant*, 19, 2, p. 495-515, 1976.

KLEIN M. Les principes psychologiques de l'analyse des jeunes enfants. In: *Essais de Psychanalyse*. Paris: Payot, 1926.

LAUFER, M.; LAUFER, E. *Adolescence et rupture du développement*. Le fil rouge. Paris: P.U.F., 1989.

LESAGE, B. *La danse dans le processus thérapeutique*. Toulouse: Érès 2006.

TUSTIN, F. *Autisme et protection*. Paris, Seuil, 1990.

WINNICOTT, D.W. Intégration du moi au cours du développement de l'enfant. In: *Processus de maturation chez l'enfant*. Paris: Payot, 1962.

_____. Jouer Proposition théorique. In: *Jeu et réalité*, ch. III. Paris: Gallimard, 1971.

_____. *La nature humaine*. Paris: Gallimard, 1988.

ZORNIG, S. Quand le jeu perd sa fonction de transitionnalité: réflexions sur l'impact de la violence dans la constitution psychique. In: BRUN, A. ; ROUSSILLON R. (dir.) *Jeu et médiations thérapeutiques*. Malakoff: Dunod, 2021.